

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Giovanna Sarto

**RELIGIOSIDADE MARGINAL: UM ESTUDO DA RELIGIÃO E CARIDADE NA VIDA DE
MORADORES DE RUA DE JUIZ DE FORA**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Prof. Dr. Marcelo Ayres Camurca Lima

Juiz de Fora
2017

**DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E
AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO**

Eu, Giovanna Sarto, acadêmica do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculada sob o número 201572021A, declaro que sou autora do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “Religiosidade marginal: um estudo da religião e caridade na vida de moradores de rua de Juiz de Fora”, desenvolvido durante o período de julho de 2016 a julho de 2017, sob a orientação do professor doutor Marcelo Ayres Camurca Lima, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de 2017.

Giovanna Sarto

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e assinada pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

RELIGIOSIDADE MARGINAL: UM ESTUDO DA RELIGIÃO E CARIDADE NA VIDA DE MORADORES DE RUA DE JUIZ DE FORA

MARGINAL RELIGIOUSNESS: A STUDY OF RELIGION AND CHARITY ABOUT STREET DWELLERS OF JUIZ DE FORA

Giovanna Sarto¹

Resumo: Neste trabalho tenho como objetivo apresentar, (1) a visão das pessoas em situação de rua a respeito das Religiões e do conceito de religiosidade, bem como a (2) visão das principais instituições religiosas da cidade de Juiz de Fora a respeito da condição de miséria humana e dos moradores de rua. Além disso, abordarei a (2.1) maneira como a ideologia doutrinária das instituições aqui pesquisadas se relaciona com tal situação (de miséria) e o (2.2) conceito de caridade que permeiam as ações sociais. Finalmente, (3) analisarei como a cultura religiosa influencia o cotidiano dos indivíduos marginalizados e qual o papel da caridade tanto na ação de quem a pratica quanto em quem a recebe.

Palavras-chave: Religião; moradores de rua; miséria, caridade.

Abstract: This work aims to present, briefly, the vision of street dwellers in respect of Religions and the concept of religion, as well as the vision of the main religious institutions of the city of Juiz de Fora about the condition of human misery and the street people. In addition, we will discuss how the ideology of doctrinal institutions surveyed here relates to such a situation (poverty) and what they do to help social and spiritually in the life of these people.

Keywords: Religion; Street dwellers; misery; charity.

“A religião é o suspiro da criatura oprimida, o ânimo de um mundo sem coração, assim como o espírito de estados de coisas embrutecidas. Ela é o ópio do povo”. (Marx, K. Crítica da filosofia de direito de Hegel. Boitempo, 2010)

INTRODUÇÃO

Tem-se muito material a respeito da condição de miséria e degradação na qual centenas de pessoas estão submetidas ao viverem nas ruas. Violência, drogas, opressão, repressão, medo, insegurança, descaso. Há uma vasta gama de problemas enumerados pelas pesquisas e desenvolvidos, sobretudo, em dissertações, teses e artigos produzidos nas instituições superiores de ensino no país (COSTA, 2016; GUIMARÃES, 2010; MORAES, 2008; PAULO, E; ARRIBAS, C; PEREIRA, 2006).

A despeito destes estudos e pesquisas, elas não lograram despertar um posicionamento ético na sociedade, pois há certo descaso quanto às questões emocionais e espirituais destas pessoas relegadas à margem da sociedade. Ao transformar em coisa uma pessoa (no caso, aquelas que não pertencem a um padrão social reconhecido como normal) ou uma situação (de miséria), os extratos mais altos da sociedade convertem toda uma realidade de desigualdade extrema em situação banal. O morador de rua, ao ser reconhecido por não-identidade, torna-se facilmente ignorado e animalizado. Há quase sempre um olhar de segregação. O estigma social (Goffman, 1998) leva ao descaso quanto à questão subjetiva destes indivíduos e a consolidação de pré-conceitos impede um olhar que ultrapasse a questão econômica: o indivíduo é tido como vagabundo, desocupado e, muitas vezes, desprovido de individualidade - que para nosso caso, redundava também em falta de espiritualidade.

Objetivando conhecer a visão destas pessoas a partir de sua relação com as religiões e como acionam uma dimensão de religiosidade como resgate de identidade pessoal própria, circulei pelas principais ruas da região central de Juiz de Fora, entre os dias 13 a 20 de julho de 2016, entrevistando moradores de rua, bem como autoridades religiosas de quatro principais religiões cristãs da cidade, escolhidas através da proximidade para com os moradores de rua e citadas por eles. A partir destas informações, este trabalho tratará de analisar

¹ Graduanda em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: giihsarto@hotmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Prof. Dr. Marcelo Ayres Camurca Lima

sucintamente os dados coletados e discutir a questão da caridade destas instituições e a concepção de religião dos "excluídos" da sociedade, tomando o caso de Juiz de Fora.

O CONCEITO DE IDENTIDADE E RELIGIÃO

Um dos grandes dilemas enfrentados durante minha pesquisa recorre do uso de um termo identitário para definir o grupo em questão. "Morador de rua" vem sido gradativamente substituído por "pessoa em situação de rua" nas diversas pesquisas, embora remeta a uma situação temporária que não condiz com a realidade de muitos entrevistados (que por vezes definem tal condição como permanente). Há ainda o termo originário do inglês *homeless*, ou do francês *sans-domicile-fixe* (sdf), traduzido por "sem-teto", ou ainda o termo mais tradicional "mendigo" - modalidades como muitas vezes são referidos, que se diferenciam ao longo do tempo e das percepções (mais ou menos inclusivas na consideração destes como indivíduos). Mas também nelas, o reducionismo economicista se faz presente, implicando em articular um problema estrutural a partir de uma interpretação superficial a perceber o indivíduo apenas sob o ponto de vista econômico: a falta de moradia. Desta maneira, notando a relação de proximidade entre os entrevistados e a rua e tomando suas próprias auto declarações; ou seja, como definem suas identidades, utilizarei do vocábulo "morador de rua" para designá-los. Eis o exemplo, da fala de Rosilene quando questionada sobre onde residia: *"eu sou da rua. Vivo aqui e ali, mas minhas coisas eu sempre deixo aqui ó. Sou moradora da rua mesmo, vivo aqui"*. Com isto, formulo minha noção classificatória deste contingente a partir do termo com o qual os próprios entrevistados se reconhecem enquanto grupo.

Quanto ao conceito de identidade, banhei-me da teoria dos "espelhos e máscaras" de Rodrigues (apud Anselm Strauss, 1994), que define a construção da imagem do ator e da estrutura por:

A relação entre indivíduo x projeção é indissociável: o indivíduo é influenciado pelo reflexo e, ao mesmo tempo, o reflexo pelo indivíduo, ou seja, a identidade social é configurada a partir de duas dimensões. Entretanto, se trata de construção simultânea de sistema e ator. Ela não pode ser entendida apenas como um reflexo nem como uma projeção, tampouco como as duas coisas ao mesmo tempo, mas propriamente é a relação de ambas com o indivíduo. (RODRIGUES, p.47).

No imaginário (DURAND, G.) paira a ideia de que o indivíduo que reside na rua e se encontra nesta situação porque assim deseja. Entretanto, este senso comum oculta a trajetória dessas pessoas. Tal pensamento também se articula nos próprios moradores de rua, quando se veem como responsáveis pela condição de miséria e não como vítimas de um sistema de exploração. Isso se articula com a espiritualidade à medida que o grupo transfere o sentimento de culpabilidade para si e não para um ser espiritual ou causa transcendente. Ao ser transcendente cabe a proteção da vida, o conforto da alma, o fortalecimento espiritual e a salvação. Configuram-se, assim, uma dualidade simultânea entre o indivíduo e o estigma socialmente formado. Este estigma também recai na relação com o outro – com quem pratica a caridade – já que a relação entre doador e receptor nunca é igual. Para o morador de rua há uma hierarquia, na qual ele se encontra na subcamada. Mas afinal, como se dá essa construção de identidade e a compreensão subjetiva de religião?

Com o advento da modernidade, a Religião perde espaço de totalidade e passa a ser apenas mais um domínio das esferas sociais. O que acontece com a palavra religião é que esta vai se tornando substantivo; isto é, deixa de ser verbo para se tornar substrato (SMITH, 2006). Se no medievo o ser humano tem vocação para ser religioso, durante o Iluminismo esta vocação assume um caráter muito mais de sociabilidade e coesão. Nesta perspectiva e a partir da obra de Hegel, *Fenomenologia do espírito*, a ideia de que a religião possui uma verdade intrínseca e filosófica, que transcenda o caráter mitológico, ganha força. Críticos como Feuerbach², Marx e Freud sustentam que essa verdade precisa ser traduzida em outras esferas (humanas, sociais, culturais) e a religião, enquanto tal, superada.

Se Marx espelha-se em Feuerbach (religião como fortalecedora, fonte que suprime o medo do homem

² Feuerbach inicia sua tese questionando-se a respeito da origem da religião. Para ele, Deus é uma projeção potencializada daquilo que nós, seres humanos, vivenciamos de maneira limitada e então romantizamos em algo melhor. Ela se sustenta devido ao medo do ser humano no confronto com a natureza: a finitude (FEUERBACH, 2009). Como exemplo, tomemos a imagem do amor perfeito: temos o amor efêmero, carnal e tipicamente humano; mas esse amor não nos satisfaz por completo. As ideias religiosas surgem quando o indivíduo se depara com situações limítrofes de consciência de sua finitude. Dessa maneira, criamos história, poesia, arte, música, religião e assim suprimos a necessidade de algo mais. A história da religião, com efeito, é a história do homem.

frente às adversidades da natureza e instaura uma ordem) para inferir a religião em dimensão de protesto não definido³; isto é, fruto da criação humana, expressão de uma realidade distorcida, de um sistema de exploração (capitalista) que se baseia na alienação das classes menos favorecidas pelas classes dominantes e representa uma ambiguidade que expressa tanto a voz dos oprimidos quanto o encobrimento da dominação, Freud a traz ao campo da psicanálise, como fenômeno psíquico, numa análise que concebe a civilização como uma forma de inibir os instintos primitivos e privar o homem da animalidade. Para sobreviver, criam-se válvulas de escape. A religião aqui entra como resposta ao desamparo. É um estado de infantilismo tardio proveniente do complexo de Édipo, onde no estágio em que o indivíduo percebe a realidade enquanto ameaçadora, cria na figura paterna maximizada a ideia de proteção e segurança. É, portanto, um delírio coletivo (desajustamento da realidade), ilusório (porque envolve desejo) e neurótico (projeção de uma realidade difícil de ser aceita) (FREUD, 2006).

Neste sentido, para os moradores de rua a religião entra como uma válvula de escape, oferecendo esperança, satisfação emocional e conforto. É uma forma de aliviar a culpa do estigma, condensada em sua identidade enquanto grupo e, também, anteparo para seguir firme nos diversos desafios e ameaças que a vida nas ruas impõe. É “o suspiro da criatura oprimida” (MARX, 2010. P.146). Mas o que parece mais importante é que a noção de religião aqui adotada, ela mesma, é bastante restritiva para não dizer “reducionista”. O sentido de religião na perspectiva do materialismo histórico desconsidera outras facetas deste fenômeno que excedem a abordagem economicista. Nos estudos de religião encampados pela Ciência da religião e disciplinas do campo das humanidades, a religião pode ser também cultura, sentido, moral, ética, sistema classificatório, conjunto de crenças e práticas, linguagem, dentre outras. Tomá-la apenas por ideologia significa restringi-la e reduzi-la a um fragmento apenas do que representa. Tal pressuposto desconsidera que se ela cria um mercado (de bens religiosos), por exemplo, também implica em reconhecer que cria dispositivos de poder que modela corpos e lhes imprime semânticas de expressão; assim, pode-se dizer dela que resulta em formas de comunicação, de linguagens, que expressam mais do que apenas dominação. Ora, ao expressarem formas de percepção e de interpretação do mundo, as religiões também permitem canais de comunicação: elas permitem formas de criação, de meios pelos quais se lidar com o mundo, portanto, podem ser meios de criação e subversão de estruturas de dominação. Um trabalhador assalariado pode ser reprimido em seu cotidiano de emprego e funções subalternas, mas aos fins de semana pode, por meio da religião, ser representação de autoridade ao exercer funções diversas em suas igrejas, templo e ou comunidade. Aliás, ele pode tanto replicar a relação de dominação, quanto usar desse papel social para superar o estigma de dominado. Assim, os pressupostos filosóficos que amparam a definição de religião tomada nesse texto apontarão à abordagem marxista de religião, no entanto não se restringirão apenas a ela, inferindo que mais do que apenas um instrumento ideológico, ela também é um conjunto sistêmico de aparatos culturais, que infere em sociabilidade e pertencimento. É suspiro e expressão da criatura oprimida, mas também é comunicação e reconhecimento. É produto humano e, portanto, preocupação fundamental para aquilo com aquilo que é importante para o ser humano. Religião é a essência, é desejo, utopia (TILLICH & MARASCHIN, 1999).

ESTADO E CARIDADE

O último censo, realizado em 2010, na cidade de Juiz de Fora, constatou mais de 600 indivíduos residindo na rua – a este dado não só se estima uma duplicação quanto soma-se a ele a falta de amparo estatal: com um censo desatualizado, torna-se praticamente impossível às políticas públicas acompanhar e dar assistência a todos os que necessitam. O Centro de Referência Especializado para a População Adulta em Situação de Rua (Centro Pop) é um dos amparos governamentais em Juiz de Fora, que tem a função de acolher e amparar a população em situação de vulnerabilidade e rua. Este local, no entanto, tem sofrido grande sobrecarga devido à grande demanda e ao baixo investimento. Assim, entram as instituições religiosas: exercendo certo tipo de papel que por diversas vezes ocupa as lacunas deixadas pelo Estado, em razão da lógica religiosa da caridade.

Apesar da teórica separação entre Igreja e Estado, prevista pela Constituição, o Brasil paira, desde sua

³ Ela não é a culpada de ser o ópio do povo, mas sim suas ideias. São elas expressões invertidas (ideologia) da vida social, da atividade material e das relações materiais dos homens. O conceito de religião expressa então uma “felicidade ilusória do povo”, a qual não pode ser superada porque também ela funciona como encobrimento da exploração. No entanto, faz-se necessário que essa sua situação mude: em síntese, a religião é produto de uma sociedade alienada (MARX, 2010) e só poderá ser superada através da superação do sistema capitalista. A exploração que este supõe é a mesma que sustenta a lógica da alienação e, portanto, seu fim implicaria no fim do modelo de religião que conhecemos. Ao novo homem já não serviria mais.

Formação Colonial (WEHLING, 1999) até ainda aos tempos de hoje, sob uma teocracia. Não só a religião em si, mas também os conceitos de Estado Teocrático ultrapassam os limites teóricos: foram mais vivenciados do que conceituados à medida que se afastam do tradicional (ou das Leis Constitucionais), são enriquecidos à cultura popular e influenciam o próprio oficialismo. Este aspecto fora bastante recorrente na fala dos líderes religiosos e nos moradores de rua entrevistados: Estado e Religião parecem confundir-se.

Portella (2009) traça justamente essa correlação entre religião e espaço público no Brasil, utilizando-se da ideia de que a primeira, na verdade, está marcada pela centralidade da caridade. Esse elemento, de fato, transpassa todas as religiões no país e configura um “aspecto comum” para os brasileiros (CAMURÇA, 2005, p.53-54). Mas para a compreensão de caridade cabem dois aspectos fundamentais: um primeiro remete à filosofia agostiniana, onde a devoção para com o outro advém expressamente da admiração e adoração pela figura de Cristo e as ações do doador almejam chegar à sua imagem e semelhança; o amor ao próximo fundamenta-se no reconhecimento do outro enquanto parte de um mesmo todo, um sentimento de igualdade e pertença. São laços dos filhos de Deus (AGOSTINHO, 1996) - A título de ilustração, temos desde 2013 na representação da mais alta da hierarquia clerical do poder Católico um padre jesuíta – o Papa Francisco - que através do voto de pobreza abdica do individualismo material para dedicar-se à uma vida de voluntariado e caridade, aproximando-se dos miseráveis “porque deles é o reino dos céus”; e um segundo aspecto, traz a teologia oficial à realidade sincrética do Brasil, que compreende a caridade dada então como uma religião civil, cujo elemento *sui generis* é a exteriorização (aspecto público da prática religiosa: como promessas, procissões, doações, etc. ao contrário do aspecto intimista, da prece, oração, etc.), cuja salvação compete na salvação própria do indivíduo que pratica a ação e a salvação daquele que a recebe - um viés de mão dupla.

Em leituras no curso “Religiões no Brasil – 2º semestre /2016 (Vainfas e Souza, 2000, Wehling, 1999, Sanchis, 1997; Bittencourt, 2003), deduzo que para compreender essa relação - religião e espaço público no Brasil - é preciso, inicialmente, ressaltar que ainda que a teologia oficial compreenda a noção de caridade pelo aspecto intimista (a satisfação em fazer o bem é o presente recebido pelo voluntário), o catolicismo enquanto religião predominante estabeleceu-se no espaço público do país através da prática exteriorizada e publicizada da caridade. Por outro lado, está no caráter exteriorizado da cultura religiosa popular o sucesso das religiões no Brasil. Sendo assim, religiões que não passassem pelo modelo da caridade social não teriam vigor e aceitação social. É esta lógica, portanto, que define e legitima a singularidade das religiões no Brasil (já que outras religiões a utilizarão, ainda que com suas particularidades) (GIUMBELLI, 2008)

Na visão do Catolicismo, a caridade é uma relevante possibilidade de aproximar o encontro com Deus, na visão do Espiritismo Kardecista, ela pode significar uma forma de aprendizagem evolutiva tanto para os que praticam quanto para os que recebem. (REZENDE, 2015, p.12).

Com a ascensão das igrejas neopentecostais expressa, sobretudo, pela Igreja Universal do reino de Deus (IURD), ressurgiu, entretanto, a subversão desta caridade tradicional, que se afasta do modelo pregado por Agostinho: a caridade como direito à prosperidade – peculiaridade advinda principalmente da teologia protestante.

Enquanto Bittencourt (2003) criticava o corporativismo das instituições, Portella aponta justamente essa realidade última como a mais característica do cenário atual: A Igreja Universal do Reino de Deus traz um discurso de que os problemas sociais da esfera pública estariam ligados aos problemas espirituais, ou seja, as questões sociais não são apenas problemas do Estado, mas problemas espirituais e concernentes a igreja. Além disso, outra inversão de caridade é trazida para o discurso: o altruísmo em doar o que se tem passa a ser um investimento - doa-se para poder ter seu retorno, a salvação e uma vida boa. Direitos que são requeridos aqui nessa vida não mais no além como se acreditava antes. Assim o sujeito passa de uma participação passiva para uma ativa.

(...) A filantropia da IURD fora do Brasil é ligada inicialmente a questões emergenciais (...). Essas obras dificilmente não carregam as atribuições de consolidar o papel da Igreja Universal no país em que ela está se inserindo, contribuindo para reforçar uma boa imagem da instituição religiosa e demonstrando sua capacidade de autoctonização, adaptação e leitura das contingências locais. Mas com o tempo de inserção na localidade, a IURD parece caminhar para o desenvolvimento de tarefas que beneficiem os próprios

E tal fato se reflete no poder político, visto que a religião passa a intervir de maneira ativa também nessa esfera, colocando em prática projetos políticos que tem por objetivo uma intervenção direta, não mais uma relação de aliança. O crescimento de líderes religiosos é visível e perpassa por uma lógica clientelista que lança mão do assistencialismo religioso para se eleger e, uma vez eleito, utiliza-se da máquina estatal para manter seus projetos e introduzir a religião no espaço público. Assim a fronteira entre Estado e religião são associados e, não só as instituições, mas também os fiéis têm suas posições e ações políticas atreladas à crença religiosa.

Este aspecto hoje traz o discurso religioso ao serviço da competição do mercado religioso. Esta competição tão pujante, que se faz através da modernização das exterioridades ritualísticas se traduz cada vez mais em uma esfera pública e conseqüentemente de políticas públicas de Estado, extremamente influenciadas pela lógica e ethos das religiões. Contrariando aquilo que Portella define como particularidade advinda com transformações e contorcionismos da teologia protestante, onde caminharíamos ao afastamento da religião da vida pública - nosso cenário é definido por cada vez mais espaços de manifestação religiosa, “... o público deste espaço é cada vez mais religioso, e faz questão de não mais operar a clássica distinção entre profano e sagrado.” (PORTELLA, 2009). Durante esta pesquisa foi possível notar tal realidade empiricamente: para os moradores de rua, a barreira entre Estado e Religião se intercrusa e se perpassa, o papel de ambos parece estar associado⁴. Mas a última ainda possui algo a mais: ela oferece também o alimento espiritual

A PESQUISA

Esta pesquisa foi desenvolvida através de um estudo qualitativo. Optei pelo método de entrevistas semiestruturadas, com tópicos que permitiram respostas subjetivas. O trabalho de campo foi realizado entre os dias 13 a 20 de julho de 2016, no período diurno, nos seguintes pontos: Rua Floriano Peixoto, Jarbas de Leri Santos, Avenida dos Andradas, Avenida Getúlio Vargas, Praça Doutor João Penido (popularmente conhecida como Praça da estação, situada na esquina da Rua Halfed com a Avenida Francisco Bernardino), Praça em frente ao Shopping Santa Cruz (na Avenida Rio Branco), Praça Presidente Antônio Carlos e Rua Roberto de Barros (em frente ao Hiper Bretas). A pesquisa contemplou a presença de dez moradores da rua: Luís Carlos, Sidney de Oliveira, Adão, Marileia de Souza, Guiovan, Vera Lúcia, Raimundo, Rosilene, Antônio Ferreira e José Carlos. A entrevista ocorreu na forma de um diálogo, onde observei:

1. Religião atual.
2. Religião prévia
3. Visão acerca de Deus.
4. Visão acerca das religiões.
5. Se a condição que se encontra atualmente o afastou ou aproximou de “Deus”.

1.1. Dificuldades

Devido ao horário que fui a campo, foi difícil encontrar pessoas dispostas a responder o questionário. Percebi que os moradores de rua se deslocam durante o dia por vários pontos da cidade devido a fatores naturais, como sol e chuva, a oportunidade de ganhar algum dinheiro (desembarcar produtos para os supermercados, recolher papéis e recicláveis etc.), a presença de policiais ou ainda por eventos que possam ocorrer nas praças, etc. Observei também que minha presença, por vezes, representava um incômodo; incômodo este que, inclusive, resultou em uma situação desconfortante para ambas as partes: um terceiro, que se encontrava sob efeito de crack, estranhou minha conversa com um dos entrevistados e tentou partir para a agressão física. O entrevistado entrou em conflito verbal com o terceiro e este, por sua vez, retirou-se.

⁴ Nota-se, por vezes, o interesse das “missões de caridade” também na construção do indivíduo: algumas instituições religiosas utilizam estes programas sociais como condicionadores, impondo aos moradores de rua determinadas atitudes que nem sempre condizem com o desejo pessoal do sujeito – como deixar as drogas e o álcool. Este caráter paliativo não só reduz o indivíduo como diminui também sua situação, inferindo que somente a vontade e desejo de salvação, a aceitação de Jesus e a submissão do indivíduo a esta ou àquela igreja já seriam forças suficientes para retirar um indivíduo de uma situação crônica e sistemática.

1.2 A experiência dos entrevistados

Vera Lúcia: Senhora de 55 anos, saiu de casa cedo, *“por causa do vício da bebida. Você sabe como é... A gente começa com uma cachaça e quando percebe já não consegue mais sair. Achei que minha família ia estar ali pra ajudar, mas foram os primeiros a virarem as costas. Hoje sou muito mais feliz aqui, as vezes faço um bico ali no mercado, peço um dinheiro na rua e assim a gente vai vivendo”*. Já foi católica apostólica romana, mas, nas palavras dela, *“acredito mais na evangélica agora. Ela é mais sensata, prega Jesus de verdade”*. Para ela a religião causa mudança espiritual e as instituições a ajudam levando alimentos, rezas e prosperidade; na concepção trazida por Vera Lucia, Deus está no mundo todo. A vida a aproximou de Deus.

Guiovan: Tem 20 anos, é evangélico da Assembleia de Deus. Se sente *“acolhido e feliz ao ir à Igreja”*. É como se fizesse *“parte de alguma coisa maior, de alguma coisa bonita. Ir à Igreja é quase como estar perto mais perto do céu”*. Diz que não vê, mas sente Deus, *“É como se ele estivesse no mundo todo”*. Para ele, Deus é ajuda, fé, esperança: *“foi ele que me deu essa aqui ó (fazendo menção à Vera Lucia, sua atual companheira). Eu não sei o que seria de mim sem ela. A gente mora junto, faz tudo junto. Se eu arrumo um trabalho, ela também vai comigo. A gente compartilha tudo. Ela é meu anjo de Deus”*. A religião é boa, pois se preocupa com ele, o ampara e acolhe. *“Eles oram, ungem, trazem prosperidade. Me lembram minha família. Saí de lá faz pouco tempo graças a desentendimentos com meu cunhado, mas quando o pessoal da igreja vem falar com a gente é como se eu estivesse ligado à minha família”*, além de oferecerem coisas que são necessárias à sobrevivência: comida, roupa etc. A vida o aproximou de Deus.

Raimundo de Assis: Tem 77 anos. É evangélico da Igreja Mundial e veio de uma família cristã (não especificado). Quando questionado se a religião o ajuda, ele disse: *“Eu é que tenho que ajudar a igreja”*. Para ele, Deus é tudo e está em tudo, Ele preenche o vazio que o dinheiro não preenche. *“Se eu tivesse 300 milhões de cruzeiros não valeria o que vale Deus”*. A Igreja, para o sr. Raimundo, é um lugar de familiaridade. A vida o aproximou de Deus.

Rosilene: Tem 30 anos e está *“nessa vida de cocaína e crack desde muito nova. Minha família me expulsou de casa depois de algumas brigas”*. Já frequentou quase todas as religiões, mas, apesar de não frequentar mais, acredita que ainda é católica. Sente descaso das religiões para com os moradores de rua. Para ela, as religiões ajudam na alimentação e na oração, em maior parte as evangélicas. A católica é *“liberal”*, nas palavras dela: *“deixa a gente fazer de tudo, parece que tanto faz para eles a gente ir lá ou não”*. Os católicos não ajudam tanto quanto os evangélicos. Deus é como o ar que respiramos: está em tudo. A vida a afastou não só de Deus, mas da família e amigos.

Luís Carlos: Tem 40 Anos. Foi espírita, hoje é católico, mas não frequenta. Era bem recebido na Igreja, se sentia bem. Para ele Deus se faz presente lá. As religiões não o ajudam tanto, nas palavras dele: *“eles dão sopa quando tá frio e distribuem cobertor, mas a gente não precisa só disso. As vezes eu descarrego uns materiais ali pro mercado e eles conversam com a gente de igual pra igual. Ali sim está a ajuda. Eu sinto falta disso, cê sabe? De conversar de igual pra igual. Tô na rua, mas não sou qualquer um”*. Deus é esperança, fé num futura melhor e sabedoria de vida. A vida o afastou de Deus.

Marileia: Tem 47 anos. Sua família é da Assembleia de Deus, mas ela não frequenta mais. Sentia-se bem na igreja. A religião faz de tudo para ajudá-la. A *“família evangélica”* a oferece comida em troca de que ela pare de beber e fumar, e isso a impede de voltar. *“Eu não quero ser quem eles querem que eu seja. Acho que Deus ama cada um assim, do seu jeitinho. Ninguém precisa mudar”*. Deus é o pai maior e sem ele ela não estaria viva. A vida a afastou de Deus. Ela sente falta da família e dos amigos, mas preferiu afastar-se por sentir vergonha de seu vício em álcool.

Adão: Tem 48 anos. Frequenta *“qualquer religião que dê coisas boas. Que traga paz”*. Para Adão, Deus está lá em cima, observando o mundo. As religiões trazem conforto, segurança e esperança para a alma. A vida aproxima as pessoas de Deus, no entanto nem sempre elas aceitam. Ele escolheu se aproximar.

Sidney de Oliveira: Tem 18 anos. Já foi católico, hoje não frequenta mais, pois: *“não gosto de ir na igreja, principalmente na evangélica. Eles querem me obrigar a largar meus vícios, me obrigar a aceitar o que querem e abaixar a cabeça. Nunca abaixei a cabeça pra ninguém. É por isso que me expulsaram de lá – por causa da minha personalidade forte e talvez pela condição de morador de rua. Duvido que me expulsariam se eu estivesse bem vestido”*. O papel da religião na vida dele é na doação de comida (geralmente do Centro Espírita). Deus é pai de todos, sabe de tudo e todas as coisas, é o único salvador. Para ele, *“religião é coisa do homem, cada um tem a sua, mas Deus é um só”*. A vida o afastou de Deus.

Antônio Ferreira: Tem 56 anos. É católico e sente-se bem na Igreja e ao falar de Deus. As Igrejas dão comida, roupa etc. Deus, para ele, está em tudo, *“Ele é bom, muito bom. É só por Ele que estou vivinho aqui hoje. É ele que me mantém”*. A vida o aproximou de Deus.

José Carlos: Tem 51 anos e teve que abandonar a família para vir à Cidade em busca de melhores condições de vida. Já foi católico e evangélico, mas hoje não frequenta nenhuma porque, nas palavras dele *“a católica nunca ajudou em nada e a evangélica me expulsou de lá”*. Acredita que as instituições religiosas têm muito interesse envolvido e pouca solidariedade. *“Por que não assinam nossas carteiras de trabalho? Porque não os interessa. Querem que existam pessoas passando fome no mundo”*. Ele acha que as religiões não ajudam em nada, raramente dão comida. *“Precisamos arranjar um líder revolucionário, que promova uma reforma agrária. Deus nos deu as terras para plantarmos comida pra TODOS, não só pros chefes”*. Para ele, Deus está no céu e fala conosco, mas acredita que o paraíso é aqui mesmo. A vida o aproximou Dele.

1.3. Dados

Analisando e interpretando o conjunto das respostas, podemos resumi-las nas seguintes proposições:

- 1) Todos os entrevistados acreditam em Deus.
- 2) Quatro dos entrevistados frequentam alguma religião.
- 3) Metade dos entrevistados já frequentou mais de uma religião.
- 4) Seis dos entrevistados afirmaram que a vida os aproximou de Deus.
- 5) Sete dos entrevistados recebem ajuda de instituições religiosas.

A VISÃO DAS INSTITUIÇÕES: COMO O CONCEITO SE TORNA AÇÃO

Os moradores de rua geralmente são associados à miséria e pobreza por grande parte da população. Reduzidos a uma condição degradante e desumana, muitos buscam ao máximo sobreviver com o mínimo que lhes é cedido e neste particular, das doações, detectamos agentes e instituições que promovem esta ação (caridade): diversas igrejas e grupos religiosos contribuem com doações de alimentos e roupas, mas acreditam que não é só disso que um ser humano precisa para sobreviver. Levando em conta tal questão, buscarei, nos subitens a seguir, mostrar o trabalho realizado por quatro das principais destacadas religiões de Juiz de Fora: Catolicismo, Neopentecostalismo, Espiritismo e Testemunhas de Jeová, bem como a visão de seus representantes, acerca dos indivíduos que se encontram em estado de miséria.

1.4. Igreja Católica Apostólica Romana: Representante entrevistado: Pe. Dalton

Segundo o Padre Dalton, representante da Igreja da Glória, esta começou trabalhos sociais que o Estado, mais tarde, se apoderou. Obras sociais, postos de saúde, assistência ambulatoria (do Morro da Glória), sopão, centros de distribuição de roupas, bazares... alguns projetos que, inicialmente pertenceram à Igreja Católica, hoje são organizados pelo governo. *“Nosso trabalho era o de dar amparo àqueles que são negligenciados pelo Estado, mas então finalmente decidiram tomar as rédeas. Ainda assim a Igreja consegue continuar no trabalho conjunto. Afinal é nosso dever e fomos nós católicos que começamos essa política. É nossa responsabilidade e nossa história”*. No entanto, outras ações solidárias ainda estão sob a iniciativa da Igreja Católica, através de associação de leigos católicos, a exemplo do trabalho realizado pelos irmãos Vicentinos, que constitui em ajudar os necessitados, levando-lhes alimento e cobertores.

Quando questionado a respeito do trabalho espiritual da Igreja para com os moradores de rua, o entrevistado explicou a visão católica sobre tal realidade: Todos os cristãos são comprometidos com um processo de libertação de todas as formas de aprisionamento humano (sexual, moral, espiritual, econômica, vícios etc.), é dessa forma que o homem entra numa caminhada de justiça e liberdade plena. O catolicismo, como corrente apostólica do Cristo, tem justamente o objetivo de libertar as pessoas do sentimento doentio de culpabilidade que as cerca. Assim como Jesus, a Igreja busca uma liberdade que devolva ao homem seu caráter puramente humano. Com a crença e a fé, o homem se liberta dos vícios e vira um ser puro e verdadeiramente humanizado. Assim, o trabalho espiritual com moradores incluiria um exercício de libertação e uma mensagem de esperança, esperança a qual Jesus Cristo anunciara. *“Deus é o Pai Celestial e, como pai, quer ver todos os seus filhos livres”*.

1.5. Igrejas evangélicas

Universal do Reino de Deus (IURD): Representante entrevistado: Pastor David

Segundo o Pastor entrevistado, David, “a Universal realiza dois trabalhos que envolvem moradores de rua e marginalizados; são eles: “Anjos da madrugada” e “Agente da Comunidade” (que abrange moradores de rua, presidiários etc.). Como parte do acordo nós pedimos apenas que eles larguem os vícios e aceitem Jesus, pois quando se aceita Jesus as coisas mudam e só assim a gente pode realizar um trabalho de verdade”.

Em relação à doutrina, o representante nos explica que, para uma mudança plena, é necessária uma transformação que comece de dentro para fora. O trabalho das Igrejas, em geral, é levar às pessoas o que elas perderam no dia a dia: esperança e fé. No caso, a palavra da Bíblia é o que liberta: faz com que a pessoa reflita e mova-se sempre no caminho de Deus, mesmo diante das dificuldades. - “As pessoas que moram na rua geralmente conhecem Deus da boca para fora, são desobedientes e egoístas; por isso entram nas drogas e no álcool. A gente precisa mostrar Deus, mostrar outra realidade. Trazer eles pra Igreja”.

Segundo o Pastor, há um paradoxo entre a bondade de Deus e a condição precária que os moradores de rua vivem justamente por culpa do egoísmo: muitos abandonam família, se recusam a realizarem uma mudança interior etc.

Assembleia de Deus Filadélfia: Representante entrevistado: Pastora Mônica

De acordo com a Pastora Mônica, por serem relativamente novos (Apenas seis anos de Igreja em Juiz de Fora), não possuem um trabalho específico, mas ajudam na medida do possível, através de doações espontâneas e acolhimento das pessoas que entram na Igreja. A autoridade religiosa diz possuir projetos de alimentação e ressocialização das “pessoas marginalizadas e em situação de miséria”.

No que diz respeito ao olhar da Igreja da Assembleia de Deus Filadélfia sobre os moradores de rua, a representante afirma que “sozinhos não conseguimos nada. Por isso as pessoas na rua geralmente usam drogas para suprir um vazio existencial (familiar ou emocional) ”.

“Quando uma pessoa decide morar na rua, ela se submete a uma condição de fraqueza. Deus nos ensina a olhar para o irmão com um coração aberto, e isso que nós devemos fazer sempre. ”

Internacional da Graça de Deus: Representante entrevistado: Ministro Bruno

A igreja não faz trabalho diretamente com os moradores de rua, mas possui projetos de sopão e outras ações solidárias.

Quanto ao que diz respeito à crença doutrinária, o ministro Bruno conta que “por detrás de todo o mal há o diabo: as pessoas que estão nas ruas, muitas vezes, não buscam Deus de verdade. Se buscassem, não estariam nesta condição”. Para ele, “há moradores que conhecem Deus, mas que não o seguem; outros são mais puros do que os que estão na própria Igreja”. O representante admite o descaso das religiões para com as pessoas em situação de rua e confessa que se sente culpado por não “conseguir ações efetivas que mudem a realidade destes homens”.

1.6. Espiritismo: Representante entrevistado: Médiun Rubens

No Espiritismo, há a crença de que o espírito dos indivíduos sempre tende a evolução num processo de encarnações e desencarnações por muitas vidas, tendo como propulsor desta dinâmica os acertos e erros morais deste espírito-indivíduo em suas sucessivas vidas. É o que chamam de “lei divina da evolução” e também de “lei da ação e reação”, onde o espírito deve colher em sua próxima vida o resultado das ações que praticou na anterior. Nas palavras do Médiun: “Nosso espírito gosta de limpeza; nós assumimos a penitência quando assumimos nossos erros. É necessária a aceitação para começar um processo de “desobcessão” (ritual espírita que constitui em um “remédio espiritual”) ”. Para isso, o Espiritismo enxerga a caridade enquanto trabalho espiritual que serve como purificação de sua própria alma: a ajuda ao outro trata-se de uma forma de redimir-se com o universo e elevar sua espiritualidade. Ao receptor da “benfeitoria” cabe a aceitação da condição e a preparação dos rituais que o ajudam a sair dela. “O presente, aqui, é um reflexo do passado, uma espécie de punição e lição para vivermos num futuro melhor”. O lema principal do Espiritismo é “Fora da caridade não há salvação”, pois para evoluir o indivíduo deve praticar “boas ações” para com outros, e também, no caso de faltas, pode contar com ajuda para se redimir.

O centro em questão não trabalha diretamente com os moradores da rua, mas ajudam e financiam instituições que trabalham com essas pessoas – como a Gendai, no bairro de Lourdes). Rubens afirma que a um

tempo tentaram oferecer cesta básica, mas descobriram que muitos vendiam os produtos para comprar droga. Isto fez com que eles desistissem do projeto. Segundo ele, *“nem todos os moradores de rua querem ajuda, se tornam confortáveis com aquela situação deplorável”*. Inadequação às regras da sociedade e a comodidade são razões para isso.

1.7. Testemunhas de Jeová: Representantes entrevistadas: irmãs Vivian e Sônia

Aqui em Juiz de fora, as testemunhas de Jeová não possuem nenhum trabalho específico com moradores da rua, mas afirmam que há doações individuais dos irmãos e instituições de caridade desta comunidade espalhada pelo mundo. A caridade trata-se de uma tentativa de *“ajudar os irmãos e propagar a verdade de Deus”*.

Segundo as irmãs Sônia e Vivian, a visão desta doutrina é a de que *“todos sofrem por desobedecer a Deus desde a traição no paraíso. Herdamos a dor, angústia etc., no entanto cada um tem a decisão de tentar mudar. Ao sairmos do Governo de Deus, criamos o Governo dos homens. Este é errado, injusto e desonesto”*.

A crença das testemunhas de Jeová traz mensagem de esperança: *“os que sofrem aqui hoje, vão viver num lugar melhor no futuro, quando chegar um líder que estabeleça o reino de Deus novamente”*.

ASPECTOS DA CULTURA RELIGIOSA

Observa-se a majoritária influência da cultura cristã na visão de mundo dos moradores de rua. Com efeito, ao serem questionados sobre concepção de divindade, todos os indivíduos entrevistados descrevem o Deus Onisciente, Onipresente e Onipotente - e relacionam o sentido de suas vidas a uma vontade superior, como que aquela condição se associasse a vontade de Deus. Ainda assim o sentimento de culpa – quando aparece – é entendido como sendo de pura responsabilidade do indivíduo e de suas relações sociais.

O fato de que a maioria se distanciou das instituições religiosas aponta um problema sistêmico: pelo estigma socialmente construído de atrelar ao morador de rua a sujeira e a miséria, 4 dos entrevistados retratam casos em que foram expulsos das igrejas e/ou repreendidos por terem vícios. As instituições quando os permite, colocam-nos em áreas separadas *“para não incomodar os outros fieis”*, conforme a fala de Sidney de Oliveira.

Não podemos seguramente dizer que classe social seja determinante nas escolhas e práticas religiosas – pois estas crenças e práticas atravessam as classes - mas nas ênfases que acompanham estas práticas (mais individuais e/ou mais coletivas, mais “éticas” e/ou mais “mágicas”, mais “letradas” e/ou “mais orais”, etc.). A ênfase na prática religiosa nas ruas, como reflexo da sociedade “não marginalizada”, pode estar associada ao nível de miséria, ainda que não seja um fator determinante. Nota-se que a violência nas ruas (como machismo, preconceitos raciais e sociais, lgbtfobia, abusos, agressões, entre outros) também são fatores que influenciam a busca pelo consolo dos mitos religiosos. Além disso, a maioria dos entrevistados se tornam mão de obra barata facilmente explorada e submetida a condições precárias e embora a recompensa seja mínima (às vezes algumas moedas ou alimentos como forma de pagamento), é o que sustenta muitos deles. A droga entra como uma compensação da dura realidade vivida. Aliás, esta última se torna um problema à medida que, pelo desamparo governamental e negligência das diversas instituições (Estado, Polícia, Família etc.) impede muitos indivíduos de sair do vício, acabando por não terem outra opção senão a de consolidar o estigma de violência para sustentar a dependência química. Acabam sendo vetores e vítimas de violência ao mesmo tempo e encontram no discurso religioso uma mensagem de esperança e fortalecimento - os indivíduos buscam as religiões como forma de esperança, como um meio de convívio social, para terem voz, para sentirem-se parte de alguma coisa – *“Alguma coisa maior”*, como diz Guiovan.

Desta forma, a religião, sendo observada sob esta lente, serve bem ao conceito de “ópio do povo” no sentido de compensação da dor e da miséria humana. É o suspiro da criatura oprimida; a voz daqueles que foram silenciados pela sociedade. Também responde positivamente à ideia de delírio coletivo, uma vez que fornece à psique uma resposta ao desamparo e ao medo. Traz segurança, conforto e paz. Fé e espiritualidade neste mundo parecem exprimir esperança e contato com o subjetivo de si mesmo (FEUERBACH, 2009).

Embora no ocidente parte da religiosidade se configure na lógica de mercado, o papel das instituições é fundamental neste aspecto: Igreja e Estado, como explorado, estão intrinsecamente ligados. A caridade, neste aspecto duplo de salvação do sujeito que pratica a ação e daquele que a recebe, representa um ponto comum às doutrinas aqui analisadas e envolve o desejo de promover mudança na condição de vida do

morador de rua e contribuir para a prosperidade tanto daquele que faz a caridade quanto daquele que a recebe. Ainda que esta noção se converta à interesses também políticos e proselitistas, esta expressão religiosa é responsável por amparar e fornecer as condições mínimas para que os indivíduos se mantenham vivos frente às adversidades da natureza. Os trabalhos sociais desenvolvidos pelas religiões são fundamentais aos momentos onde o Estado é falho. Quanto aos valores religiosos enraizados, estes são transmitidos durante toda a vida. A concepção de religião, fé e espiritualidade estão ligadas aos padrões de renda e classe social, escolaridade, ambiente e raça da família dos moradores de rua. Com efeito, o ambiente familiar é o ponto chave de toda a pesquisa: é o motivo principal pelo qual a maioria deixa suas casas e é o parâmetro usado para pensar a religião. A crença do indivíduo está fundada à crença de sua família.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, é possível inferir que hoje na cidade de Juiz de Fora há uma distinção entre o trabalho social e o trabalho espiritual realizado pelas instituições religiosas: embora algumas admitam o descaso para com os moradores de rua, ao que remete à questão de religiosidade os projetos para amparo espiritual destes indivíduos são distantes e, na maioria das vezes, utópicos. O advento da modernidade analisado no início tem reflexo bastante claro nas falas dos líderes. A distinção entre *nós* e *eles* traz, quase sempre, um aparato de pré-conceitos aparentemente negados nas teologias e doutrinas cristãs do “amor ao próximo”, mas, convertidas a uma interpretação, assistencialista, paternalista e/ou, individualista (onde o foco é sempre o indivíduo responsável por sua elevação de progresso moral e material). Isto pode ser constatado e visível sobretudo em neopentecostais, carismáticos e de alguma forma em protestantes, católicos e espíritas.

Os valores do ‘ser’ foram trocados pelos valores do ‘ter’. A religião de mercado utiliza-se de meios pragmáticos para crescer e demonstra um interesse muito raso pelas questões sociais. Há por parte do discurso neopentecostal uma abordagem individualista, narcisística, onde a miséria alheia acaba sendo resumida na prática, com o lema ‘cada um com os seus problemas’. (MORAES, 2008. P.140)

No que tange a visão dos moradores de rua, as Religiões cumprem efetivamente o papel de Estado: fornecem alimento, cobertores e roupa para que estes consigam, ao menos, sobreviver. No entanto, quando questionados a respeito da espiritualidade, afirmam sentirem-se carentes, solitários e sentem falta de pertencerem a “*algo maior*”. Dessa forma, a influência da cultura cristã reflete o aspecto político e social da cristandade como um meio de ajuda social, de caráter estatal dominante. Mas mais do que isso, ela também expressa o sentimento dos marginalizados, é meio de sociabilidade e comunicação a medida em que falar sobre religião é um assunto corriqueiro. *Ter religião*, para eles, é sinônimo de ter força, de ter segurança. É um meio de fortalecimento humano.

Num outro aspecto, a hierarquia que separa doador e receptor é um reflexo da força do estigma formado, mas a religião, por vezes, supera essa lógica: no oficialismo, ela inaugura certa indiferenciação entre ambos, onde a felicidade e gratidão do morador de rua (aquele que recebe a caridade) é a compensação e retribuição de que o doador precisa. Entretanto, na prática parece ocorrer uma inversão de valor – a caridade é mais atrelada à ideia de prosperidade e interesses diversos. Ganha força então como política assistencialista, que cumpre o papel de Estado e assim fortalece a instituição – é explorada a exteriorização do voluntariado, como jogo de propaganda para a instituição. Esta prática implica em um plano que molda o indivíduo, e é refutado na fala de alguns dos entrevistados – “*não gosto de ir na igreja porque eles querem me obrigar a largar meus vícios, me obrigar a aceitar o que querem e abaixar a cabeça. Nunca abaixei a cabeça pra ninguém*”. (Sidney de Oliveira).

Na Igreja da Glória, a fala do Padre demonstra a relação entre Catolicismo e Estado bastante forte. As políticas assistencialistas são medidas para amparar os indivíduos esquecidos socialmente - “*Nosso trabalho era o de dar amparo àqueles que são negligenciados pelo Estado, mas então finalmente decidiram tomar as rédeas*”. O Centro Espirita se aproxima bastante desta visão, no entanto com a peculiaridade já explorada: a caridade é um viés de mão dupla, que contribui na realidade da pessoa que a recebe e cumpre o papel de exercício para elevação e purificação do espírito do doador. Também serve de política assistencial em momentos de negligência estatal.

A partir dos anos 90 surge um movimento de retomada da ideia de voluntariado, atrelado principalmente com as elites comerciais e políticas (CARMUÇA, 2005). Parte deste movimento remonta a subversão da lógica de caridade teológica oficial – isto é, configura-se dentro do sistema de mercado. A própria

noção de “Matriz Religiosa Brasileira” (Bittencourt, 2003) - que estruturou de forma sincrética, exterior e ritual o modo como as religiões institucionais/concretas se inseriram e se desenvolveram no país - hoje, se encontra adaptada e à serviço da competição de mercado religioso. As religiões analisadas, em geral, convergiram justamente com a lógica do sistema capitalista: o afastamento e o estigma que separa o eu do outro por vezes é evidenciado, sendo possível observar que mesmo ao conceito de “caridade” cabe a ideia de tê-la como interdito para salvação e elevação do espírito, que infere uma hierarquia: o doador, possuidor de muitos bens materiais e simbólicos, e os miseráveis – pobres, mas detentores de dignidade messiânica, herdeiros da graça divina (CAMURÇA 2005, p. 50, apud FERNANDES, 1994, 121/2). A exterioridade dos rituais, dos projetos sociais e dos trabalhos realizados pelas instituições religiosas voltam-se ao fim da materialidade – algumas vezes é precedida por um desejo de satisfação pessoal, seja na aquisição de status, poder, recursos ou financiamentos. As Igrejas Evangélicas entrevistadas trazem a ideia bastante recorrente de individualismo e miséria como condição de escolha. Novamente, o desejo de moldar o sujeito e trazê-lo à “Igreja” transpassa as noções de caridade pautada na salvação, estendendo-a à prosperidade – quanto mais homens se convertem, mais prosperidade e sucesso são atrelados à Igreja e aos fiéis. No intuito de garantir prestígio é que se configura nessa competição de mercado; o morador de rua é usado como massa de manobra e a caridade voluntária, ao ser exteriorizada, transpassa status e engajamento político-social das instituições. Neste esquema configuram-se interesses bastante específicos de verdade absoluta e pertença exclusiva, que remete a um discurso bastante autoritário, como o reproduzido pela IURD – “*por detrás de todo o mal há o diabo: as pessoas que estão nas ruas, muitas vezes, não buscam Deus de verdade. Se buscassem, não estariam nesta condição*”. Ao final, as Testemunhas de Jeová apresentam um conceito mais subjetivo de caridade. Ainda que embebido dessa mesma ideia de que a miséria é fruto do “desconhecimento do Deus real”, deixam mensagem de esperança e conforto para aqueles que se encontram em situação de miséria e inferem à caridade um “dever” de cada um, “*pois temos a obrigação de ajudar nossos irmãos*”.

BIBLIOGRAFIA

1.1 Citada

AGOSTINHO. **A cidade de Deus**. 2ª Edição, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

ARRIBAS, Célia. **Projeto de Extensão Polo Institucional de Fortalecimento da Gestão Participativa do SUS: Relatório setorial População em Situação de Rua**. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2015. 90p.

BARROS, R. LARAIA. **Cultura: uni conceito antropológico**. 1932 – 1331c; Roque 14. Ed. De Barros Laraia – 14 ed., Rio de Janeiro: Jotge Zahar Ed. 2001.

BITTENCOURT, José Filho. **Matriz religiosa brasileira: religiosidade e mudança social**. Ed. Vozes, 2003.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. **Seria a caridade a “religião civil” dos brasileiros?** Praia Vermelha: estudos de política e teoria social. Rio de Janeiro: UFRJ. Escola de Serviço Social, 12: 42-62, 2005.

COSTA, Arthur Dias. **Quando a rua vira um lar: corpo, espaço e liberdade**. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2016. 14p.

DURAND, Gilbert. **O imaginário: ensaio acerca da ciência e da filosofia de imagem**. Algés, Difel, 1999.

FOUCAULT, Michel. De espaços outros. Estudos Avançados, São Paulo/SP, v.27, n.79, p. 113-122. 2013. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-> Acesso em: 12 maio 2017.

FREUD, S. O futuro de uma ilusão, o Mal-estar na civilização e outros trabalhos (1927-1931). São Paulo: Imago, 2006.

FEUERBACH, Ludwig. Preleções sobre a essência da religião. 4ª ed. Petrópolis. RJ: Vozes, 2009.

GOFFMAN, Erving. Sintomas mentais e a ordem pública. In: Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face. (Coleção Sociologia). 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

GOFFMAN, Erving. Estigma – notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4 ed. Editora LTC, Rio de Janeiro,

1988.

GUIMARÃES, A.G.C. **A religiosidade de moradores de rua da cidade de belo horizonte: uma via de subjetivação.** Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Belo Horizonte: Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2010. 182p.

HEGEL, G.W.F. **Fenomenologia do espírito.** 2ª ed. Editora Vozes: Petrópolis, RJ. 1992.

MARX, K. **Crítica da filosofia do direito de Hegel.** Boitempo Editorial, 2010.

MORAES, G.P. **Missão Vida: uma análise da influência do Sagrado na transformação social de pessoas em situação de rua.** São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2008. 148p.

PAOLO, E; RIBAS, L. A.; PEREIRA, M. R. R.; Millen, M. I. C. Eutanásia Social: um estudo de caso da população de rua de Juiz de Fora. **Revista CES**, v. 20, p. 7-273, 2006.

PORTELLA, Rodrigo. **Aspectos do desenvolvimento da relação entre Religiões e o Espaço Público no Brasil: algumas anotações -** Polifonia do Sagrado. Sergipe: ed. UFS, 2009.

REZENDE, Rosana Castro de Luna. **AS RECONFIGURAÇÕES CONTEMPORÂNEAS DA CARIDADE: O CASO DE JUIZ DE FORA.** Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2015.

SANCHIS, Pierre. "O Campo Religioso Contemporâneo no Brasil". In: Ari Pedro Oro, Carlos Alberto Steil (Org). *Globalização e Religião.* Petrópolis, Vozes, 1997, pp.103-117

ROSAS, Nina. **Representações e desdobramentos da caridade da Igreja Universal do Reino de Deus.** Dissertação (Mestrado em Sociologia). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2011.

SILVESTRES, MORANGOS. Direção de Ingmar Bergman. **Produção: Allan Ekelund. Suécia: Svensk Filmindustri (SF), 1957.**

SMITH, W.C. O sentido e o fim da religião. Trad. Geraldo Kondorfer. São Leopoldo: Sinodal, 2006.

TILLICH, Paul. **Teologia da Cultura.** Editora: Fonte Editorial, São Paulo, 1999.

VAINFAS, Ronaldo & SOUZA, Juliana B. *Brasil de todos os Santos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000, pp. 11-61.

WEHLING, Amo. "Sentimentos religiosos e crenças". *Formação do Brasil Colonial.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, pp. 248-258

1.2 Disponível

Aprendizagem e Qualidade de vida. Disponível em <http://www.ufrgs.br/psicoeduc/wiki/Aprendizagem_e_Qualidade_de_Vida> Acesso em: 22 jun. 2016

As doutrinas religiosas. Disponível em <<http://www.espirito.org.br/portal/doutrina/espiritismo-para-iniciantes-2.html>> acesso em 20 jun. 2016

GIUBELLI, Emerson. **A presença do religioso no espaço público: modalidades no Brasil.** Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rs/v28n2/a05v28n2>>

ROGRIGUES, Igor de Souza. **A construção social do morador de rua: o controle simbólico da identidade.** Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Juiz de fora: Universidade Federal de Juiz de fora. 2015. 129p. Disponível em: <<https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/2199/1/igordesouzarodrigues.pdf>> acesso em: 12 maio 2017.

Pesquisa confronta mitos e pré-conceitos sobre moradores de rua. 2015. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/secom/2015/04/23/pesquisa-confronta-mitos-e-pre-conceitos-sobre-moradores-de-rua/>>. Acesso em: 21. Jun. 2015.

TV INTEGRAÇÃO. Estudo da UFJF traça perfil da população de rua em Juiz de Fora. G1 Zona da Mata: Juiz de Fora, 29 de abril, 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2015/04/estudo-da-ufjf-traca-perfil-da-populacao-de-rua-em-juiz-de-fora>> Acesso em: 12 maio 2017.